

EWÊ AWO: O SEGREDO DAS FOLHAS NO CANDOMBLÉ DA BAHIA

Pedro Freire Botelho (UNEB)*

Resumo:

Este artigo é resultado do trabalho de conclusão do curso de especialização em Antropologia com ênfase em cultura Afro-brasileira da Universidade do Sudoeste da Bahia - UESB, onde se buscou analisar os saberes sobre folhas no Candomblé da Bahia, caracterizando esses saberes como um legado africano, que mantém o cuidado e a reverência à natureza. Através da observação participante e da oralidade, pretendeu-se observar as estruturas simbólicas que compõem a tradição de alguns Terreiros de Candomblé no que se refere às ritualísticas com folhas e se constatou uma cosmologia que entrelaça os elementos da natureza, o ser humano e as divindades.

Palavras-Chave: Cultura, Candomblé, Legado Africano

Abstract:

This article is the work of completing the course in anthropology with an emphasis on Afro-Brazilian culture at the University of Southwest Bahia - UESB, which seeks to analyze the knowledge on leaves of Candomblé in Bahia, featuring such knowledge as an African legacy, which maintains the care and reverence for nature. Through participant observation and oral, was intended to observe the symbolic structures that make up the tradition of some Candomblé in relation to ritual with leaves and found a cosmology that weaves together the elements of nature, humans and the deities.

Keywords: Culture, Candomble, African Legacy

* Mestrando do Programa Multidisciplinar em Cultura Memória e Desenvolvimento Regional da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), com bolsa da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia, fapesb. Especialista em Antropologia com ênfase em Cultura Afro-Brasileira (UESB), Licenciado em História (UESB). Email: botelhofreire@yahoo.com.br

Considerações Iniciais

As experiências compartilhadas e as trocas simbólicas entre os africanos da diáspora no século XVI, foram fundamentais para a formação do Candomblé¹ que se estruturou nos Terreiros, lugar sagrado, na tradição afro-brasileira. “[...]as trocas de informações ritualísticas entre aqueles que partilhavam de certos pressupostos subjacentes devem ter feito uma contribuição importante para a formação de subsistemas culturais integrados. [...]” (MINTZ; PRICE, 2003, p.70). Devido esses intercâmbios culturais, não devemos pensar o Candomblé com classificações estáticas e rígidas das nações² que as formaram, mas devemos entender que mesmo entre as nações africanas ocorreram um processo de trocas simbólicas e de saberes que se materializam nos cantos, cores, comidas e nas mais diversas expressões dessa religião que se pode observar influências de vários lugares e de diferentes povos africanos e também indígenas. Segundo Bastide (2001), “o Candomblé do Brasil é o resumo de toda África mística”. Para Julio Braga (1995):

[...] o sistema religioso está profundamente impregnado de forças civilizatórias negro-africanas. Tudo isso corrobora para a compreensão do Candomblé como suporte permanente do processo de construção e revitalização da identidade do negro que se apropria constantemente e nem sempre de maneira consciente de um vasto e complexo conteúdo simbólico que remete, via de regra, às ocorrências históricas e na mesma dimensão aos mitos pretéritos que subjazem na memória coletiva e, conjuntamente – mito e história – elaboram os caminhos da ancestralidade afro-brasileira. (BRAGA, 1995, p. 20).

A vida no Candomblé é a expressão da natureza, todos os *Orixás*³, estão ligados aos

¹Candomblé, religião estruturada no Brasil, a partir das várias nações africanas que viveram a diáspora do século XVI. Segundo Lima (2003, p.18), nada permaneceu intacto nessa experiência de travessia África - Brasil. O que ocorreu, foi uma reinterpretação e recriação dos simbolismos, dos mitos e dos ritos africanos em terras brasileiras. LIMA, Vivaldo da Costa. **A Família de Santo nos Candomblés *Jêjes-nagôs* da Bahia: um estudo de relações intragrupais**. 2 ed. Salvador: Corrupio, 2003. p. 18.

² As Nações - Na Bahia, os Terreiros de Candomblé são identificados de modo geral por nações. As mais conhecidas são as nações: *Angola, Ketu e Gege*. Essa classificação não corresponde a uma identificação rígida do lugar de origem dos africanos, visto que a experiência da diáspora proporcionou encontros culturais e étnicos de povos das mais variadas regiões da África. “Os negros introduzidos no Brasil pertenciam a civilizações diferentes e provinham das mais variadas regiões da África” (BASTIDE, 1960, p. 30).

^{3 3} Os orixás são ancestrais africanos que foram divinizados, mantendo uma inseparável ligação com os seres humanos. Segundo Pierre Verger o orixá é uma forma pura, axé imaterial, que se torna perceptível aos seres humanos incorporando- se a um deles. (VERGER, 2002 p.19).

elementos naturais e se expressam através deles. Essa pesquisa analisa os saberes sobre folhas no Candomblé, e a relação entre os seres humanos, os *Orixás* e a natureza.

No cotidiano do terreiro observa-se essa relação e os cuidados que se têm desde a obtenção das folhas, a preocupação com a pessoa que cuidará delas, a forma de guardá-las entre outras. A ritualística exige um cuidado todo especial ao recolher as plantas, prefere-se buscá-las pela manhã, quando ainda estão orvalhadas, evitando as ervas que ficam próximas a estradas. Há uma expectativa na certeza dos resultados, quer seja nos tratamentos de saúde, quer seja nas festas e rituais sagrados, o início de tudo que é a manipulação das folhas tem que ser rigorosamente observado para que nada ocorra de errado. Essa reverência à natureza e às divindades que aí habitam, demonstra que o homem é apenas parte de conjunto natural e harmônico, um componente do todo complexo e organizado.

Por uma Metodologia das Formas Simbólicas

As relações sociais podem ser compreendidas como relações simbólicas, onde os sujeitos constroem seus símbolos para expressar sua realidade, sua cultura e seus valores. Essas construções são históricas, e se situam em um determinado tempo e lugar, influenciados por fatores socioeconômicos e culturais da sociedade ao qual se inserem.

No estudo dessas formas simbólicas, a análise sócio-histórica e a compreensão da subjetividade são fundamentais, para o seu desenvolvimento, pois na investigação social o objeto se confunde com o sujeito, e modifica sua forma de vida a partir da sua reflexão e sua atuação na sociedade. “[...] Formas simbólicas são construções significativas que exigem uma interpretação; elas são ações, falas, textos que, por serem construções significativas, podem ser compreendidas.” (THOMPSON. 357, 1995). Sendo assim, quando se investiga determinado objeto, deve-se ter claro que o pesquisador está a todo o momento também inserido naquela realidade e ele próprio se modifica com as novas experiências.

Na realização desta pesquisa utilizamos o método da hermenêutica de Profundidade, porque esta se ocupa do estudo da vida cotidiana, onde são revelados os símbolos e as interpretações destes símbolos, esse é o seu ponto de partida para compreender as formas simbólicas e interpretá-las. Este estudo foi desenvolvido com o objetivo de identificar os saberes sobre folhas no Candomblé da Bahia, entendendo esses saberes como um legado africano no Brasil. O desenvolvimento da pesquisa se deu partir de análises e da observação

participante nas práticas ritualísticas que se utiliza folhas em alguns Terreiros de Candomblé. Os depoimentos e a participação no cotidiano desses Terreiros possibilitaram as interpretações das formas simbólicas, tendo como parâmetro a hermenêutica de profundidade. Os Terreiros visitados foram: *Ilê Axé Ogum Megê* em Vitória da Conquista - BA, Terreiro Oxumaré, *Axé Oiá* e *Gantóis* em Salvador-BA, Terreiro *Oncó de Dê e Guarany de Oxóssi* em Cachoeira-BA, Terreiro de *Oxossi* e *Axé Ogunjá* em São Félix-BA, e o Terreiro *Ogum de Lê*, em Nazaré das Farinhas - BA. Em todas essas casas foram realizadas algumas entrevistas com seus respectivos Babalorixás e Ialorixás e em algumas delas houve a participação mais efetiva em rituais e festas religiosas.

A hermenêutica é um referencial metodológico que se estrutura em três fases sequenciais: Análise sócio-histórica, análise formal ou discursiva e interpretação/re-interpretação. Ao desenvolver uma análise sócio-histórica desses Terreiros, constatamos que a afirmação do Candomblé enquanto religião afro-brasileira, foi construída com lutas e conquistas engendradas pelos africanos e seus descendentes. Em todo Brasil, a perseguição dos terreiros de Candomblé perdurou até os anos 50, momento em que as organizações de grupos negros se manifestaram em prol do direito e da igualdade racial e religiosa do descendente de africano.

Entre os anos 20 e 30 segundo Braga (1995) a perseguição aos terreiros de Candomblé foi muito intensa e marcada por forte violência. Nesse período, a instalação desses templos nos lugares mais periféricos e afastados da cidade foi também uma saída para fugir do seu extermínio. O combate à cultura africana seguiu a lógica do desenvolvimento, segundo Reis, (2008, p.37) combatiam a cultura africana em nome da civilização, nesse conceito de civilização estava presente a idéia de progresso que usava como modelo a França e a Inglaterra⁴. O modelo de sociedade que a elite brasileira pretendia e visava atender o padrão europeu,

A partir da história dos Terreiros de Candomblé e da análise discursiva, interpretamos/re-interpretamos, suas práticas ritualísticas como símbolos e saberes de uma filosofia, identificada como parte de um legado que está presente na sociedade brasileira desde a diáspora africana no século XVI. “Faz-se necessário dizer que o legado ancestral africano é um conjunto de saberes com ensinamentos de uma matriz não ocidental”[...].

⁴ A respeito da ideologia do branqueamento ler: LEAL, Maria das Graças de Andrade. **Manuel Quirino entre letras e lutas. Bahia: 1851 – 1923**. São Paulo: Annablume, 2009.

(SANTANA, 2006, 237). Esse legado se expressa principalmente nas religiões afro-brasileiras, que se mantiveram como herdeiras das tradições dos saberes africanos no Brasil.

As Folhas do *Orixá Ossaim*: Ritualísticas e Símbolos do Candomblé

O Terreiro, espaço sagrado no Candomblé⁵, se impõe como referência de toda experiência, é de onde emerge o equilíbrio para a vida. Ê, portanto “o centro”, o próprio mundo, criado a partir dessa organização homogênea do espaço sagrado e de sua separação com o “profano”. Segundo Eliade (2008, p.32/33), o sagrado institui a cosmização do mundo, isto é, sua organização a partir dessa referencia que é para o homem religioso o centro da sua vida. É impossível a vida no caos, por isso, o homem religioso procura sacralizar todo seu mundo, “[...] tudo que ainda não é ‘o nosso mundo’ não é ainda um ‘mundo’. Não se faz ‘nosso’ um território senão ‘criando-o’ de novo, quer dizer, consagrando-o” (ELIADE, 2008, p. 34). O sagrado é a essência de toda religião, é percebido nas hierofanias, que se constituem numa realidade oposta daquilo que é percebido sensorialmente no habitual traçando duas realidades distintas: o profano e o sagrado.

Nesta mística, elementos reais e palpáveis podem tornar-se sagrados a partir de sua inserção na cosmologia que classifica e separa entre essas duas formas de ser no mundo, o objeto “batizado” isto é inserido nessa organização representa energias sobrenaturais, revela mistérios e estabelece diálogos entre o visível e o invisível. O Candomblé está estreitamente ligado aos elementos da natureza, as plantas são fundamentais, para banhos, rituais de purificação, e os passes dado pelas entidades caboclas, estes sempre se apresentam nas sessões de descarrego levando folhas. Desse modo, os objetos/símbolos adquirem nova dimensão, compartilhando uma sacralidade necessária à ordem cosmológica. “Certos símbolos derivam seu sucesso de seu poder para congregar os homens, que o usam para definir sua situação e articular um projeto comum de vida.” (ALVES, 2009, p.40).

Os Africanos no Brasil, que buscavam encontrar as espécies vegetais para a reconstrução da sua cosmologia e a sustentação de sua identidade, encontraram no Nordeste brasileiro especificamente na Bahia maior facilidade para assimilação das plantas, elemento

⁵ Tais comunidades se expressam e se constituem simbolicamente a partir da liberdade e da autonomia que os Candomblés têm para a criação e re-interpretação de símbolos demonstrados empiricamente nos gestos, cantos, cores, saudações e toda manifestação coletiva dos terreiros. Segundo Bastide (2001), cada casa ou terreiro é autônomo, sob a dependência de um pai ou mãe-de-santo.

fundamental para a constituição da sua religião. Apesar do clima semelhante ao continente africano e das vastas extensões de florestas nativas, a grande maioria das espécies vegetais encontradas aqui eram desconhecidas. Por isso, muitos vegetais nativos brasileiros foram incorporados em substituição aos da África. Além disso, várias espécies foram transportadas nos navios negreiros, pelos portugueses que procuravam baratear o custo com a manutenção dos africanos escravizados através de vegetais que os mantinham alimentados por mais tempo.

No encantamento das folhas, a palavra adquire um poder de ação muito forte, porque ela está impregnada de axé, essas palavras rituais, ofó, mobilizam o axé quando pronunciada de acordo à dinâmica litúrgica. Por isso as palavras estão carregadas de emoção, da história pessoal e do poder daquele que a profere. A palavra é atuante e pronunciada no momento certo induz à ação. No universo religioso afro-brasileiro a fala é transmissora do saber que desperta o poder mágico da folha.

Palavras, silêncios e segredos se complementam numa estrutura reveladora de hierarquias fundamentadas na senioridade, isto é, na experiência e no saber obtido através da observação e do compromisso, onde o tempo determina o momento de desvendar os segredos, por isso, a vida no terreiro é de escuta, segredos e aprendizados. “[...] O segredo é uma dinâmica de comunicação, de redistribuição de axé”. (SODRÉ, 2005, 107). Na iniciação, a comunicação torna-se o cerne do processo, onde os conteúdos secretos são transmitidos, mas não se esgotam, porque ele é dinâmico e não se reduz ao conteúdo lingüístico.

No Candomblé, há uma tríplice função da religião que é; adivinhação, colheita de ervas e culto dos antepassados, por isso, coexistem três sacerdócios com funções diferentes, mas que possuem igual valor no culto, que são o babalorixá, que preside ao culto dos orixás, o babalossaim, que presidem ao culto de *Ossaim*, e os babuje que presidem ao culto dos *Eguns*. Nos países africanos onde se cultua os Orixás, o Babalossaim é tão importante quanto a do *babalaô*⁶, e os dois convivem no mesmo patamar da hierarquia. O *babalossaim*⁷ tem uma função ao mesmo tempo individual, quando cuida de casos específicos, por exemplo, os casos de doença, e possui também uma função coletiva que usa transcorrer nos rituais do terreiro. Além disso, segundo Bastide (1978, p. 130), esse sacerdócio não conhece o transe porque o seu papel é o de colher as folhas e cuidar dos rituais ao retirar as mesmas.

⁶ Sacerdote de Ifá, o Orixá da adivinhação.

⁷ Sacerdote responsável de cuidar das ervas e do culto ao Orixá Ossaim patrono das folhas.

Barros (2003), identifica o *Ágbo* como a mais importante das misturas vegetais do culto aos Orixás, porque é utilizada desde a iniciação até a última das obrigações, e serve como elemento de ligação entre o mundo dos orixás e o mundo dos homens. No Terreiro, as folhas, são utilizadas na iniciação, quando transmitem seu axé para a pessoa recolhida e ajuda a tornar presente o Orixá. Também se utiliza folhas na preparação dos banhos de *amacis*⁸, e de *abô*. Os *amacis* são preparados principalmente para as cerimônias do feitura filho ou filha de santo, o banho as vezes causa um suave estado de lassidão e inconsciência, pelo qual a pessoa penetra no transe místico ou “Estado de Santo”. Além dos chás, com folhas específicas de cada divindade.

Ossaim, é o Orixá das folhas e da saúde, é considerado o curandeiro nessa religião, porque conhece o segredo das plantas que curam. Segundo Pierre Verger (2002), ele é originário de Irão, atualmente na Nigéria, perto da fronteira com o ex-Daomé, e também é conhecido por *Babá Ewé*, isto é, "folha". Por ele descobrir primeiro o segredo das energias das folhas das suas, e para que elas servem, ele é praticamente um rei assim como *lemanjá* é a rainha da água salgadas, *Oxum* da água doce, ele no cultivo das folhas é rei, e todo os orixás precisam das folhas. Desse modo, o Orixá *Ossaim* possui lugar privilegiado no Candomblé, como dizem os antigos, "*Cosi Ewê, Cosi Orixá*", isto e, se não há folha, não ha Orixá. Devido a sua proteção, as folhas medicinais e litúrgicas, este santo é indispensável em qualquer culto do Candomblé, independente do Orixá que se vai reverenciar, *Ossaim* sempre está presente devido a necessidade de se utilizar plantas em todos os rituais. “[...] A sua importância é fundamental, pois nenhuma cerimônia pode ser feita sem a sua presença, sendo ele o detentor do *áse* (o poder), imprescindível até mesmo aos próprios deuses". (VERGER, 2002 p.122).

Este orixá possui características específicas e muito peculiares, por ser a divindade do mato, ele mantém certo distanciamento da vida humana. Segundo Bastide, (1978, p.155). "O reino de *Ossaim* começa onde acaba o reino dos homens" . Além disso, é um *Orixá* raro, nas entrevistas realizadas com ialorixás e babalorixás, os depoimentos comprovam que poucos são os iniciados filhos deste *Orixá*. Também a interferência do homem na natureza provoca um distanciamento entre essa divindade e os homens, segundo Bastide (1978), quando se domestica a natureza afasta-se o *Orixá* que não vive nem nas terras cultivadas, nem

⁸ Líquido preparado com folhas sagradas, maceradas em água das quartinhas do ronco. É destinado a banhar a cabeça dos iniciados.

nas casas. Assim como *Exú*, *Ogum* e *Oxossi*, *Ossaim* é considerado “*orixá I'odê*”, isto é, *Orixá* do exterior ou *Orixá* de rua.

Ossaim não é *Orixá* pra está vindo todos os dias, nem toda hora, principalmente à noite. Na nossa concepção as folhas dormem, há necessidade de dormir para tomar bando de orvalho, porque de manhã elas têm várias finalidades, as folhas têm horários e também tem disciplina, quando nós cantamos as folhas, primeiro nós cantamos determinadas folhas e depois outras, porque umas não podem passar na frente de outras. *Ossaim* é um *Orixá* que gosta de viver sozinho, isolado. *Ossaim* é muito cismado, ele não gosta de muito barulho, de muita gente, é um *orixá* que gosta de ficar escondido, ele gosta de observar e não ser observado, hoje ele é um *Orixá* raro inclusive o culto de *Ossaim* vem diminuindo, com o desmatamento ele vai se afastando cada vez mais do ser humano. (Entrevista realizada pelo autor com a *Ialorixá* Maria Vilma Pereira dos Santos, Nazaré das Farinhas – BA, 27/05/06).

No Brasil *Ossaim* é cultuado na terça na quinta feira, assim como outros *orixás* da mata, variando de acordo com cada *Ilê*, sua cor é verde e branco. Esse *Orixá* segundo Verger(2002), vive na floresta em companhia de *Aroni*, um anãozinho que tem uma única perna e fuma constantemente. *Aroni* é uma entidade pouco citada nas casas onde foram realizadas as entrevistas, alguns se negaram a falar sobre esta entidade, devido ao seu caráter negativo, outros sacerdotes o citam como o escravo de *Ossaim* sem o qual *Ossaim* não pode atuar.

Ossaim carrega consigo um símbolo uma haste de ferro, tendo um pássaro forjado na extremidade superior. Segundo Pierre Verger esse pássaro é a representação do poder de *Ossaim*. É o seu mensageiro que vai a toda parte, volta e se empoleira sobre a sua cabeça para lhe fazer o seu relato, para alguns o pássaro representa a relação de *Ossaim* com o *orixá* *Oxossi*, que é caçador e possui uma grande amizade com *Ossaim*, o pássaro também representa liberdade. O emblema de *Ossaim* é também definido por Marco Aurélio de Oliveira Luz (2000), como *Opa-Ossãiy*n que representa uma árvore com sete ramos saindo da terra ou da cabeça ventre fecundado; *igbá-nla*, onde se processa o mistério do nascimento. A flecha de ferro, símbolo de *Ossaim* deve ser plantada no solo ao lado de *Oxum* e do *babalaô*, porque pela presença desse *orixá* é transportada a influência das folhas para as adivinhações.

Analisamos alguns mitos da tradição afro-brasileira, referente ao *orixá* *Ossaim* e seu saber sobre plantas. No Candomblé, esses mitos têm a função de servirem de modelos para a conduta humana, é um exemplo a ser seguido, dando sentido e valor à existência. Esses modelos, são arquétipos do sobrenatural, isto é, das divindades que fornecem caminhos e

formas para a vivência das pessoas. Segundo Eliade, (2006), os mitos trazem à tona o ente sagrado de cada grupo social e nessa erupção do sagrado é revelado nos “princípios” de todos os lugares e atitudes, que só estão presentes em um tempo mítico e primordial, o mito sempre conta uma história sagrada e verdadeira, sua veracidade pode ser mensurável a partir das existências. “Os mitos ensinam como repetir os gestos criadores dos Entes Sobrenaturais” (ELIADE, 2006, p. 18).

O mito, portanto agrega valores de auto-estima, que se aflora a partir do conhecimento do mundo e de si mesmo. Esse valor é em todo tempo atualizado e revivido, quando se repete e re-vive o mito, isso ocorre através dos “ritos” que são as práticas habituais onde estão presentes os mitos. Através dos ritos se conhecem os mitos, fundamentais para as sociedades lembrarem suas origens e para os assemelharem aos deuses ou heróis.

O mito a seguir nos apresenta o poder concedido a este orixá, que mantém para si a segredo do uso das plantas. o segredo das folhas era cobiçado entre os outros orixás, todos queriam tomar de Ossaim o poder das ervas, que o proporcionava visibilidade e prestígio, por isso Xangô, conhecido como orixá da justiça e quem determina a ordem para que as folhas sejam repartidas entre todas as divindades.

Ossaim havia recebido de *Olodumaré* o segredo das ervas. Estas eram de sua propriedade e ele não as dava a ninguém, até o dia em que *Xangô* se queixou a sua mulher, *Oiá-Iansá*, senhora dos ventos, de que somente *Ossaim* conhecia o segredo de cada uma dessas folhas e que os outros deuses estavam no mundo sem possuir nenhuma planta. *Oiá* levantou suas saias e agitou-as impetuosamente. Um vento violento começou a soprar. *Ossaim* guardava o segredo das ervas numa cabaça pendurada num galho de árvore. Quando viu que o vento havia soltado a cabaça e que esta tinha se quebrado ao bater no chão ele gritou: *Ewé O! Ewé O!* (Oh! As folhas! Oh! As folhas!), mas não pôde impedir que os deuses as pegassem e as repartissem entre si. (VERGER, 2002 p.122.).

As folhas são divididas entre os outros Orixás, mas *Ossaim* continua sendo o detentor do mistério que desperta o axé de cada planta. Por isso, é conhecido como o Orixá do segredo, o único que sabe manipular as folhas despertando o poder de cada uma delas. Geralmente as características do Orixá se reproduzem no seu "cavalo", ser de *Ossaim* implica ter na sua essência os atributos pessoais desse Orixá, para saber de si e compreender as suas idiossincrasias, é mister conhecer profundamente o comportamento do seu orixá. Para alguns freqüentadores do terreiro "Ossaim é muito difícil de labutar, porque ele é meio selvagem,

muito brabo, valente e não se encontra em todas as casas. Este orixá possui pouco contato com os homens, e é difícil de encontrar um filho de Ossaim".

Ossaim por ser um orixá das matas, tem estreitas relações com os Caboclos da tradição indígena e com outros Orixás da religião afro-brasileira que vivem nas matas, principalmente com Oxóssi, o caçador. Ambos são celebrados na quinta feira e podem até dividir o mesmo ronco e nas casas em que não há filhos de Ossaim pode-se celebrar-lo o no dia da festa de *Oxóssi*. Apesar de serem Orixás das florestas e matas nativas, cada um tem o seu papel bem definido dentro da religião, o reino de Ossaim é o do encantamento das folhas curativas, usadas nos rituais e em tratamento de doenças, Oxóssi é o protetor dos caçadores, dos chefes de família e dos animais que vivem nas florestas.

Considerações Finais

A tradição religiosa afro-brasileira agrega importantes contribuições para a nossa sociedade, principalmente no que tange ao uso e preservação das matas, se opondo à filosofia da dominação tão disseminada pela sociedade ocidental, onde a função do homem é subjugar toda a natureza, apenas servindo-se dela. No Brasil, os conhecimentos sobre folhas trazidos pelos africanos da diáspora, enriqueceu-se ainda mais com a associação das culturas, indígena e européia. O uso dessas folhas como auxílio médico impregnou toda a sociedade brasileira, quer seja nos lugares mais recônditos, no interior ou nos grandes centros.

No Candomblé, as divindades e a natureza são indissociáveis, Ossaim é um dos orixás que sustenta o fundamento dessa religião, provavelmente porque ele esteja associado aos mitos de criação. Esse Orixá é cercado de mistérios e mitos, que o tornam ainda mais encantador e instigante, seus filhos são raros, e sua manifestação nos homens e mulheres dificilmente acontece, são as folhas que o revelam para aqueles que, com o tempo e a observância da prática dos antepassados souberam aprender pacientemente a manipular corretamente as folhas.

Para a sobrevivência dos ritos feitos para Ossaim é fundamental a manutenção e preservação da natureza, uma vez que o Orixá se afasta quando o elemento revelador de sua força se acaba. Não existe Candomblé sem esse Orixá, porque não há Candomblé sem folha. Ossaim não desaparece com a destruição das matas, porque é uma divindade imaterial e imortal, mas pode se afastar da humanidade à medida que esta se afasta das plantas. Desse

modo, a vida do candomblé é a vida da natureza, e todos Orixás estão ligados a um elemento natural e se expressam através dele, nessa cosmovisão a filosofia de vida é da preservação e do cuidado, em que todos os elementos do meio ambiente convivem sem hierarquia de poder.

Referências:

BASTIDE, Roger. **O Candomblé da Bahia**. 2ª. edição. São Paulo: Nacional, 1978.

_____. **As religiões Africanas no Brasil**. São Paulo: EDUSP, 1971.

BARROS, José Flávio Pessoa de. **Ewé Orisà: uso litúrgico e terapêutico dos vegetais nas casas de Candomblé jêje-nagô**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2ª. ed. 2003.

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. Introdução, organização e seleção Sérgio Miceli. São Paulo: Perspectiva, 2007.

BRAGA, Júlio. **Oritamejé: O antropólogo na encruzilhada**. Feira de Santana: Universidade Estadual de Feira de Santana, 2000.

_____. **Na gamela do Feitiço: repressão e resistência nos Candomblés da Bahia**. Salvador: EDUFBA, 1995.

CACCIATORE, Olga Gudolle. **Dicionário afro-brasileiro: com origem das palavras**. 3ª. edição. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1988.

CAMARGO, Maria Thereza Lemos de Arruda. **Plantas medicinais e de rituais afro-brasileiros I**. São Paulo: ALMED, 1988.

CARNEIRO, Edison. **Candomblés da Bahia**. 9ª. edição. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

_____. **Religiões Negras: Negros Bantos**. 3ª. Ed. São Paulo: Civilização Brasileira. 1991.

DURKHEIM, Émile. **As Formas Elementares da Vida Religiosa: O sistema etnobotânico na Austrália**. São Paulo: Martins Fontes. 1996.

ELIADE, Micea. **Dicionário das Religiões**. 2ª.Ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

_____. **O Sagrado e o Profano**. Trad. Rogério Fernandes. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

_____. **Mito e Realidade**. São Paulo: Perspectiva, 2006

GEERTZ, Clifford. **O saber local: novos ensaios em antropologia interpretativa**. Petrópolis: Vozes, 1997.

_____. **A Interpretação da Culturas**. Tradução de Fanny wrobel. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

_____. **Nova Luz Sobre a Antropologia**. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

HAMA, Boubou; KI-ZERBO, J. Lugar da história na sociedade africana. *IN: KI-ZERBO J. História Geral da África – metodologia e pré-história da África*. São Paulo: Ática; Paris: UNESCO, 1982. p.61- 71.

LIMA, Vivaldo da Costa. **A Família de Santo nos Candomblés Jêjes-nagôs da Bahia: um estudo de relações intragrupais**. 2 ed. Salvador: Corrupio, 2003.

MINTZ, Sidney Wilfred. PRICE, Richard. **O nascimento da cultura afro-americana**. Rio de Janeiro: Pallas, 2003

RAMOS, Arthur. **O Negro Brasileiro**. 2^o. edição. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1940.

_____. **Introdução à Antropologia Brasileira**. Rio de Janeiro: Editora da Casa do Estudante do Brasil. S/d.

REIS, João José. **Domingos Sodré, um sacerdote africano, escravidão, liberdade e Candomblé na Bahia do século XIX – são Paulo: Companhia das Letras, 2008.**

SANTANA, Marise de. **O Legado Africano na Diáspora e o Trabalho Docente** In: Amaral Jr., Aécio, Buriti, Joanildo de (Orgs) *Inclusão social, Identidade e Diferença: Perspectivas pós-estruturalistas de Análise social – São Paulo: Annablume, 2006.*

SODRÊ, Muniz. **A verdade seduzida** 3^a Ed.– Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

THOMPSON, John B. **Ideologia e Cultura Moderna. Teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1995.

VERGER, Pierre Fatumbi. **Orixás deuses Iorubás na África e no novo mundo/ tradução Maria Aparecida da Nóbrega**. 6^a. Ed. Salvador: Corrupio, 2002.

